

Ana Cristina Pereira

LISBOA **em festa**

**Uma viagem pelas cerimónias
que marcaram a história da cidade
(sécs. XII–XIX)**

LIVROS

HORIZONTE

Índice

Convite para a festa	p. 9
I. 1173 – S. Vicente: a chegada do padroeiro	p. 17
II. 1309 – Afonso e Beatriz: o casamento na Sé	p. 35
III. 1383-84 – João, o Mestre: a festa da Revolução	p. 49
IV. 1497-1500 – Gama e Cabral: a festa da aventura	p. 67
V. 1552 – Joana de Áustria: a princesa da esperança	p. 83
VI. 1619 – Filipe II: a força e a festa num jogo de espelhos	p. 95
VII. 1661-1662 – Catarina de Bragança: o casamento da paz	p. 115
VIII. 1775 – José I: a estátua celebrando a vida	p. 135
IX. 1821 – João VI: o regresso do rei	p. 157
X. 1886 – Amélia: a nova avenida para a última rainha	p. 175
Últimos foguetes	p. 191
Nota de agradecimento	p. 193
Fontes e Bibliografia	p. 195
Notas	p. 200

Convite para a festa



Uma festa começa sempre com um convite, nem que seja uma ideia surgida entre amigos. Esta não será exceção. Nasceu de uma conversa na Feira do Livro, semente que foi germinando, trabalho que se foi construindo e que hoje está aqui nas suas mãos. Faço, assim, um convite ao Leitor para que seja meu par e deambule comigo, de braço dado, nas ruas de uma mesma cidade diferente, mas em cada época reconhecendo cenários e vivendo alguns dos momentos fundamentais da História de Portugal junto à população lisboeta.

• Dos caminhos •

Este trabalho tem início com o conturbado período da Reconquista de Lisboa por D. Afonso Henriques e conclui com a última grande festa da monarquia, a receção da princesa D. Amélia e o seu casamento com D. Carlos, terminando-se, assim, um ciclo. Neste longo período cronológico (1173-1886), muitos foram os momentos cruciais vividos na cidade, aquela que com D. Afonso III, em 1255, se tornaria a cabeça do reino.

A seleção — sendo um trabalho sempre uma escolha — obedeceu a alguns critérios, nem sempre fáceis de satisfazer: a festa seria

LISBOA em festa

na rua, ouvir-se-ia a população, vê-la-íamos participar, personagem ativa daquele momento particular. Encontrar a cidade e o seu pulsar, o viver das suas gentes, não é tarefa fácil e foi este projeto movido pelo sonho e desafio.

Começamos, assim, no primeiro capítulo, a receber S. Vicente, que chegado clandestino foi elo vital na pacificação da cidade, ainda tão sofrida com a Reconquista. Nesta festa, que transcende o momento cronológico, encontraremos segredo e armas, pecado e castigo, oração e música, percebendo quem é, afinal, este Vicente que sob negras asas dos corvos — presentes até hoje no brasão de Lisboa — virá ser o mediador da paz entre o rei e os súbditos.

É sob a proteção de S. Vicente que se unem pelo matrimónio o príncipe de Portugal, D. Afonso, e a princesa de Castela, D. Beatriz, no cativante reinado de D. Dinis e D. Isabel de Aragão. Os príncipes têm uma boda única, sobre a qual nos deteremos no segundo capítulo: conheceram-se e cresceram juntos, sabendo que os seus destinos se uniriam, e escolhem Lisboa para o celebrar. Aqui, o convite é para um casamento, assistindo à cerimónia religiosa e à magnífica festa nos paços — tão luxuosa que D. Dinis se queixará das despesas com este acontecimento! Ora, um momento de alegria familiar é também o tempo certo para recuperar as memórias de uma cidade que tanto mudou.

No terceiro capítulo propomos uma festa muito diferente... Dispa-se o traje de gala e coloque-se a cota de guerra, porque esta é a celebração da voz dos povos, do grito pela independência, a Festa da Revolução. Lisboa toma as rédeas do destino luso, aclama o Mestre de Avis como Defensor e Regedor do Reino e são os seus habitantes — pintados por Fernão Lopes — que estarão nas ruas, suportarão o cerco castelhano, passarão fome e agradecerão em solene procissão a mão divina que lançou a peste no acampamento inimigo, libertando a cidade.

Será este D. João I o pai da ínclita geração, entre os quais o infante D. Henrique, cujo nome ficará intimamente ligado às viagens

de exploração atlânticas. Anos mais tarde, D. Manuel I promoverá o culminar desse processo: as viagens de Vasco da Gama e de Pedro Álvares Cabral mudaram a face visível do mundo e a sua economia. Aqui, vamos até às praias do Restelo, acompanhando D. Manuel I, a corte, os navegadores e as gentes que se juntam: em 1497, com o medo da viagem, em 1500 com o orgulho da confiança — é a festa da aventura o nosso quarto capítulo.

Novos horizontes, novos mundos, um império que se cria e que tem em Lisboa a sua sede. A cidade muda. O rei desce do castelo muralhado e vem habitar junto ao rio, esse Tejo em cujas águas navegam tamanhas riquezas: chegam as especiarias, as madeiras exóticas, os animais estranhos, os relatos dos locais mais extraordinários de maravilhosas paisagens e outras gentes. É o tempo dos impérios — e o príncipe herdeiro de Portugal, D. João Manuel, filho e natural sucessor de D. João III, une o seu destino ao da prima direita, Joana de Áustria, filha de Carlos V. Antes, será armado cavaleiro em luzidia justa à maneira da Távola Redonda. Neles e na sua prole ficaria a «coluna que sustinha as esperanças destes reinos», por isso esta receção à princesa é a festa da esperança.

Sabemos o trágico desfecho desta história: João Manuel faleceria dois anos depois do casamento, deixando no berço o bebé, a quem chamaram Sebastião e que anos mais tarde se perderia em Marrocos, deixando Portugal sem herdeiro direto. Viria então reivindicar o seu trono o primeiro dos Filipes — assente no direito dinástico mas pela força das armas, numa verdadeira conquista. No sexto capítulo assistiremos à viagem de D. Filipe II, corria o ano de 1619, momento de extraordinária vivência: Filipe entrará em Lisboa como peregrino, reentrará em apoteose como rei, numa época de tensões políticas, económicas e sociais únicas. Está então convidado a assistir a esta festa, que é também demonstração de força, num jogo de espelhos.

Ao longo do século XVII, toda a Europa assiste ao eclodir de movimentos independentistas, por oposição aos grandes impérios.